RODOLFO WALSH

Operação Massacre

Tradução
Hugo Mader

Posfácio
Natalia Brizuela

JORNALISMO LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1972 by Ediciones de la Flor

Esta obra foi editada no âmbito do Programa "Sur" de Apoio a Traduções do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Operación Masacre

Capa
João Baptista da Costa Aguiar

Preparação
Célia Euvaldo

Revisão
Angela das Neves
Carmen S. da Costa

Tradução do posfácio
Rosa Freire d'Aguiar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walsh, Rodolfo, 1927-1977.
Operação massacre / Rodolfo Walsh ; tradução Hugo Mader ; posfácio Natalia Brizuela. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : Operación masacre.
ISBN 978-85-359-1727-7

1. Argentina – História – Revolução, 1955 2. Argentina – política e governo – 1943-1955 3. Polícia – Argentina – Buenos Aires (Província) 4. Reportagens investigativas 5. Repórteres e reportagens I. Brizuela, Natalia II. Título.

10-07713 CDD-982

Índice para catálogo sistemático:
1. Argentina : Revolução, 1955 : História 982

[2010]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prólogo 13

PARTE I — AS PESSOAS

1. Carranza 25
2. Garibotti 29
3. Don Horacio 33
4. Giunta 37
5. Díaz: dois instantâneos 39
6. Lizaso 41
7. Alarmas e pressentimentos 44
8. Gavino 46
9. Explicações numa embaixada 48
10. Mario 51
11. "O fuzilado que vive" 54
12. "Vou trabalhar..." 57
13. As incógnitas 60

PARTE II — OS FATOS

1. Onde está o Tanco? 65

2. A revolução de Valle 70
3. "Só faltava te fuzilarem..." 74
4. "Fiquem contentes" 79
5. "Calma e confiança" 83
6. "Que ninguém se engane..." 86
7. Fuzilá-los! 91
8. "Lhe dava pena..." 93
9. O fim da viagem 99
10. A matança 102
11. O tempo para 107
12. O fim de uma longa noite 110
13. O ministério do medo 115
14. Uma imagem na noite 117
15. "Vão te levar" 121
16. Um morto pede asilo 126
17. A guerrilha dos telegramas 132
18. O resto é silêncio... 137

PARTE III — A PROVA

1. Os fantasmas 145
2. Fernández Suárez confessa 150
3. O processo Livraga 155
4. A justiça cega 185
5. Epílogo 191
6. Aramburu e o julgamento histórico 194

APÊNDICES

"Operação" no cinema 201
Prólogo para a edição em livro (*da primeira edição, julho de 1957*) 205
Introdução (*da primeira edição, março de 1957*) 208
Apêndice obrigatório (*da primeira edição, março de 1957*) 217

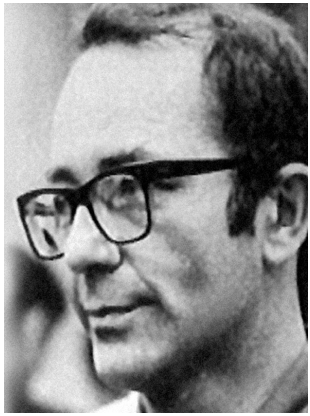
Epílogo provisório (*da primeira edição, julho de 1957*) 236
Epílogo (*da segunda edição, 1964*) 241
Retrato da oligarquia dominante (*trecho final do epílogo da terceira edição, 1969*) 244
Carta aberta de um escritor à Junta Militar 246

Posfácio 259

APÊNDICE À EDIÇÃO BRASILEIRA
Nota biográfica – Ruy Castro 271

Album/ akg-images/ LatinStock

Busto de Perón pisoteado durante a Revolução Libertadora, 1956.



Rodolfo Walsh, anos 1960.

Corbis (DC)/ LatinStock

A junta militar que tomou o poder na Argentina em 24 de março de 1976. Da esquerda para a direita: almirante Emilio Massera, general Jorge Rafael Videla e brigadeiro Orlando Rámon.

PARTE I

AS PESSOAS

1. Carranza

Nicolás Carranza não era um homem feliz nessa noite de 9 de junho de 1956. Protegido pelas sombras, acabava de entrar em casa e talvez viesse remoendo algo por dentro. Nunca saberemos ao certo. Os homens levam para o túmulo muitos pensamentos amargos, e no túmulo de Nicolás Carranza a terra já está ressecada.

Por um momento, no entanto, conseguiu esquecer suas preocupações. Após o sobressaltado silêncio inicial, um coro de vozes estridentes se elevou para recebê-lo. Nicolás Carranza tinha seis filhos. Os menores talvez tenham se enroscado em suas pernas. A maior, Elena, quem sabe pôs a cabeça ao alcance da mão do pai. A pequenina Julia Renée — de apenas quarenta dias — dormitava no berço.

Sua companheira, Berta Figueroa, ergueu os olhos da máquina de costura. Sorriu-lhe, com uma mistura de compaixão e alegria. Era sempre igual. Seu homem chegava sempre assim: fugitivo, notívago, passageiro. Às vezes ficava uma noite, depois desaparecia semanas. Vez por outra, mandava-lhe um recado: estava na casa de tal amigo. Então, era ela quem ia a seu encontro, dei-

xando as crianças com alguma vizinha, e passava com ele horas transidas de medo, de soçobra, de amargura por ter de deixá-lo e esperar a lenta passagem do tempo sem notícias dele.

Nicolás Carranza era peronista. E estava foragido.

Por isso, quando num desses furtivos regressos algum menino do bairro gritava, ao encontrá-lo: "Adeus, don Carranza!", ele... apertava o passo e não respondia.

— Ó don Carranza! — a curiosidade o seguia.

Mas don Carranza — silhueta baixa e maciça na noite — afastava-se rapidamente pela rua de terra, erguendo as lapelas do sobretudo até os olhos.

Ei-lo agora, sentado na poltrona da sala de jantar, embalando sobre os joelhos Berta Josefa, de dois anos, ou Carlos Alberto, de três, talvez Juan Nicolás, de quatro — uma verdadeira escadinha de filhos tinha don Carranza —, embalando e imitando o apito e o estrondo dos trens conduzidos por homens como ele, moradores dessa vila ferroviária.

Depois, conversou com a preferida, Elena, de onze anos — alta e espigada para a sua idade, grandes olhos pardos —, contou-lhe algo de suas andanças, entremeado com historietas divertidas, e perguntou como ela estava, com preocupação, com medo, com ternura, pois, é verdade, sentia um nó no peito cada vez que olhava para ela, desde que estivera presa.

Embora pareça lorota, ela esteve presa por várias horas, em Frías (Santiago del Estero), no dia 26 de janeiro de 1956. O pai a deixara ali com os parentes da mãe no dia 25, aproveitando uma de suas viagens regulares na linha norte do Belgrano, na qual trabalhava como camareiro, e seguira em frente. Em Simoca, província de Tucumã, ele foi preso devido a uma denúncia de panfletagem que nunca chegou a ser comprovada.

Às oito horas da manhã seguinte, Elena foi tirada da casa de seus parentes, levada desacompanhada para a delegacia e interro-

gada durante quatro horas. Seu pai andava com panfletos? Seu pai era peronista? Seu pai era delinquente?

Don Carranza enlouqueceu quando soube da notícia.

— Que me façam qualquer coisa! Mas, a uma menina...

Bradava e soluçava.

Deu o pinote, em Tucumã.

Foi talvez a partir de então que despontou um brilho perigoso no olhar desse homem de rosto firme e sereno, que antes tinha gênio alegre, era dado a brincadeiras e amigo preferido de todos os meninos do bairro, seus e alheios.

Jantaram todos juntos na noite de 9 de junho, naquela casa do bairro operário de Boulogne. Depois, puseram as crianças para dormir e ficaram a sós, ele e Berta.

Ela lhe falou de seus padecimentos, de suas preocupações. A ferrovia não lhes tiraria a casa, agora que ele estava licenciado do cargo e se achava foragido? Era uma boa casa, de alvenaria, com flores no jardim, e nela todos cabiam, até mesmo duas jovens operárias que tomara como pensionistas para ajudar nas despesas. Com que iriam viver ela e as crianças se lhes tirassem a casa?

Falou-lhe de seus temores. Sempre esse temor de que pudessem agarrá-lo numa noite qualquer e espancá-lo em qualquer delegacia, até deixá-lo idiota. E repetiu-lhe o eterno rogo:

— Se entregue. Se você se entregar, talvez não apanhe tanto. E da prisão se sai, Nicolás...

Ele não queria saber. Refugiava-se em afirmações duras, secas, definitivas:

— Não roubei. Não matei. Não sou delinquente.

Um pequeno rádio sobre o aparador tocava uma música popular. Após um longo silêncio, Nicolás Carranza se levantou, tirou o sobretudo do cabide e o vestiu lentamente.

Ela tornou a olhá-lo com expressão resignada.

— Aonde você vai?

— Tenho o que fazer. Se der, volto amanhã.

— Você não vai dormir aqui?

— Não. Esta noite não vou dormir aqui.

Entrou no quarto e foi beijando as crianças, uma por uma: Elena, Maria Eva, Juan Nicolás, Carlos Alberto, Berta Josefa, Julia Renée. Em seguida, despediu-se da mulher.

— Até amanhã.

Deu-lhe um beijo, saiu à calçada e virou à esquerda. Atravessou a rua B., deu mais alguns passos e parou diante da casa 32.

Chamou à porta.